

NOTAS PARA A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE INCONSCIENTE NA PSICANÁLISE DE SIGMUND FREUD: ASPECTOS EMPÍRICOS E METAPSICOLÓGICOS

Fernanda de Freitas Fedato

Faculdade de Psicologia
Centro de Ciências da Vida
fernanda_fedato@yahoo.com.br

Leopoldo Fulgencio

O Método de Tratamento Psicanalítico
Centro de Ciências da Vida
leopoldo.fulgencio@gmail.com

Resumo: *O artigo elaborado como resultado da presente pesquisa é continuidade do artigo feito ao final do ano de pesquisa anterior. Nele pretende-se especificar quais os sentidos que Freud dá ao termo inconsciente, diferenciando o sentido descritivo, do dinâmico e do sistêmico (ou metapsicológico). Tem também o objetivo de fornecer alguns dados históricos que caracterizam abordagens sobre o inconsciente na época de Freud que diferem das dele, baseando-se, principalmente, na obra de Ellenberger, História da Descoberta do Inconsciente[1]. A partir da nova etapa de pesquisa, pretende-se explicitar que há, em Freud, dois tipos de teorias sobre o inconsciente: uma que tem referentes na realidade factual ou empírica, e outra que é composta por conceitos especulativos, também denominados de conceitos metapsicológicos, que são construções teóricas auxiliares, consideradas por ele como ficções teóricas ou convenções que possuem um valor heurístico.*

Palavras-chave: *Inconsciente, Freud, Metapsicologia.*

Área do Conhecimento: *Ciências Humanas – Psicologia – CNPq.*

1. OBJETIVO

A presente pesquisa faz parte do projeto de pesquisa “Componentes operativos do método de tratamento psicanalítico” e tem por objetivo estudar histórica e criticamente o conceito de inconsciente proposto por Sigmund Freud, explicitando que há uma teoria sobre o inconsciente baseada na realidade empírica, e outra composta por conceitos metapsicológicos.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa teórica, dedicada à análise de um conceito que diferencia a psicologia psicanalítica de outras psicologias científicas. A leitura da obra de Freud foi feita num princípio hermenêutico, no qual cada parte é interpretada em si-mesma e na sua relação com o todo dos escritos deste autor. Além disso, buscou-se apresentar, baseando-se no livro de Ellenberger (1970), um panorama geral da história do inconsciente antes de Freud, visto que autores anteriores a ele já reconheciam a existência do inconsciente, embora com outros sentidos. A obra de Freud foi considerada como fruto de sua época, o que implicou na busca de referências histórico-críticas das propostas feitas por ele, explicitando a especificidade e a utilidade de sua concepção de inconsciente. Além de recorrer à obra de Freud, autores contemporâneos, que discutem a questão da metapsicologia em sua obra, foram retomados no sentido de diferenciar conceitos empíricos e metapsicológicos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Introdução

A literatura especializada revela que a idéia da existência da noção de inconsciente é bem anterior a Freud e que ele não foi o seu inventor, embora tenha ficado conhecido pela importância que conferiu a esta noção para a psicologia, utilizando-a para elaborar um método de tratamento psíquico que a utiliza como instrumento e guia para compreensão e resolução dos problemas clínicos. No artigo resultante dessa pesquisa apresentei, inicialmente, me apoiando no texto de Ellenberger, um panorama geral da história da noção de inconsciente, desde suas primeiras especulações, até o desenvolvimento teórico de Freud. Em seguida, aponte para os aspectos gerais da noção de inconsciente na psicanálise de Freud para,

posteriormente, distinguir os três sentidos que Freud deu ao termo inconsciente. A última etapa da pesquisa resultou nos itens finais do artigo, que se referem à diferenciação entre conceitos empíricos e metapsicológicos na psicanálise de Freud, à diferenciação do inconsciente empírico e do inconsciente em termos metapsicológicos, e à passagem do inconsciente enquanto sistema para uma nova instância denominada Id.

3.2. Panorama Histórico

Para Ellenberger, a primeira Psiquiatria Dinâmica (1775-1900) tem algumas características importantes para que possamos entender a noção de inconsciente. No desenvolvimento da Psiquiatria Dinâmica houve um interesse particular por certas manifestações clínicas, tais como o sonambulismo, a catalepsia, e mais tarde sobre a histeria. Neste percurso, um interesse peculiar recaiu sobre o hipnotismo e os fenômenos hipnóticos, a ponto de Ellenberger afirmar, na sua perspectiva histórica, que “o hipnotismo se tornou a principal via de aproximação do inconsciente” [1]. Deste tipo de desenvolvimento surgiu um novo modelo do espírito humano, no qual se pensava no dualismo consciente-inconsciente como fundamento e constituição do psiquismo. Ellenberger mostra como a noção de fluído foi substituída pela de energia mental e como a psicoterapia, feita por magnetismo, foi substituída pela sugestão hipnótica e, depois, por outros métodos, dentre eles, a psicanálise e o método da associação livre e interpretação dos conflitos inconscientes.

3.3. Aspectos gerais da noção de inconsciente na psicologia de Freud

Dentro desse contexto histórico apresentado, a psicanálise surgiu para tratar pacientes histéricos que até então não tinham um tratamento médico adequado. Freud, colocando-se do ponto de vista dinâmico, que supõe forças (psíquicas) em conflitos, reformulou sua compreensão da histeria: esta era um efeito de um conflito tornado “inconsciente”. Além disso, Freud verificou que os resultados não eram independentes da relação pessoal entre paciente e médico e, prosseguindo suas investigações, fez uma alteração na técnica das mesmas, substituindo a hipnose pelo método de associação livre. Esta noção de inconsciente passa a constituir um fundamento da teoria e do tratamento psicanalítico. Ao inventar a “psicanálise”, ele a designa como sendo: “(1) um método específico de tratar as perturbações nervosas e (2) a ciência dos

processos mentais inconscientes, que também é apropriadamente descrita como ‘psicologia profunda’.” [2].

3.4. Os três sentidos do termo inconsciente na primeira teoria do aparelho psíquico proposta por Freud

O termo inconsciente foi primeiramente compreendido por Freud a partir do sentido descritivo do termo. Esse sentido é o resultado de um trabalho classificatório que Freud realizou no início de seus estudos para poder definir o termo inconsciente para a psicanálise. Um elemento psíquico que se encontra presente na consciência pode se tornar ausente no momento seguinte, e novamente presente no outro, ou seja, muitas idéias permanecem presentes na mente, embora estejam latentes na consciência [3]. No entanto, com o prosseguimento de seus estudos, Freud foi levado a considerar o sentido dinâmico do termo inconsciente, que diz respeito ao fato de que nosso psiquismo é movido por forças em conflitos. O inconsciente dinâmico, tal como Freud o compreende, corresponde a uma ação permanente, com conteúdos em conflito com a consciência, e responsável não só pelos sintomas, mas pelo próprio funcionamento do aparelho psíquico. Com a investigação sobre o funcionamento dos sonhos, Freud pode compreender de forma mais abrangente o funcionamento da mente e dos processos conscientes e inconscientes. No seu texto capital, *A interpretação dos sonhos*, Freud já havia claramente se referido à noção de aparelho psíquico como uma *ficção teórica* [4], associada à necessidade de supor lugares ou partes de um suposto aparelho, tal como, na medicina, já se falava num aparelho respiratório, circulatório, etc. Freud considera que sua proposta analógica (entre um aparelho físico ou biológico e o que ocorre no psiquismo) é algo imperfeito, mas que pode ajudar a compreender as dinâmicas de funcionamento do psiquismo (ou seja, dos sonhos, atos falhos e, portanto, dos sintomas) [5]. É neste sentido que ele proporá um modelo para este aparelho, um modelo que ele enfatiza ser uma ficção teórica, um modelo que suporá, também de modo especulativo, a existência de partes ou sistemas psíquicos que interagem entre si. A proposição de um aparelho psíquico com suas instâncias corresponde à proposição de conceitos propriamente metapsicológicos [6]. Este último sentido que Freud atribui ao inconsciente corresponde ao seu significado em termos metapsicológicos, ou seja, a consideração de que o inconsciente é figurável como um sistema de um aparelho. O senti-

do sistêmico do termo corresponde ao uso de conceitos especulativos na psicanálise, considerando o inconsciente como sendo um dentre os sistemas do aparelho psíquico. Assim, ao supor metapsicologicamente o inconsciente como um sistema, ainda nesta perspectiva dada pela sua primeira teoria do aparelho psíquico, Freud o considerará como um “lugar”, explicitando, então, aquilo que ficou conhecido como sendo a primeira tópica freudiana. Essa topografia psíquica, no entanto, não tem a ver com anatomia, ou seja, ela não se refere a localidades anatômicas, mas sim a regiões do mecanismo mental, não interessando onde estejam situadas no corpo, visto que a consideração desse aparelho psíquico dividido em sistemas é especulativa, ou seja, foi elaborada a partir de observações da prática psicanalítica, sendo necessária para o funcionamento das explicações dinâmicas dos processos psíquicos. Cabe ressaltar a afirmação de Freud, em 1912, considerando que é justamente este sentido metapsicológico que corresponde à grande contribuição da psicanálise. Diz Freud: “este é o terceiro e mais significativo sentido que o termo ‘inconsciente’ adquiriu na psicanálise” [3].

3.5. Diferenciação entre conceitos empíricos e metapsicológicos na psicanálise de Freud

Para Freud, a psicanálise é composta por teorias de dois tipos: uma empírica, e outra especulativa. Segundo Fulgencio [6], há uma parte da teoria psicanalítica que tem conceitos que encontram na realidade empírica ou factual (clínica) referentes que lhe correspondem adequadamente; por outro lado, há um conjunto de conceitos que são apenas construções auxiliares especulativas, que são consideradas necessárias para a organização, sistematização e pesquisa dos fatos aos quais se dedica a psicanálise, denominável de metapsicologia. Tais ficções teóricas possuem valor heurístico, ou seja, sua validade está pelo que torna possível compreender sobre os fenômenos e suas relações. A metapsicologia, tal como definida por Freud: “Proponho que se fale de uma apresentação metapsicológica quando conseguimos descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas” [7] corresponde a um conjunto de conceitos (pulsões/dinâmica, libido/econômica, aparelho/tópica) que Freud considera como constituindo a superestrutura especulativa da psicanálise. Assim, a partir do momento em que os conceitos especulativos não servem para auxiliar na compreensão dos conceitos empíricos, eles podem ser descartados ou alterados sem prejuízo. A refor-

mulação feita por Freud na teoria do aparelho psíquico nos mostra como a teorização metapsicológica é necessária, mas também substituível. Fulgencio [6] revela que este pensamento é também encontrado em Mach, intelectual que considera como objetivo último da ciência fornecer uma representação adequada da realidade fenomênica. Depois de fazer essa diferenciação entre aspectos empíricos e metapsicológicos na psicanálise freudiana, faz-se necessário reafirmar que o que define a Psicanálise, para Freud, não é sua metapsicologia, mas sim os fundamentos empíricos dessa ciência, a saber: a distinção entre processos psíquicos conscientes e inconscientes; a transferência; a resistência; a importância da sexualidade na etiologia das neuroses; a teoria dos sonhos, derivada da observação dos fatos clínicos; e a importância do complexo de Édipo como núcleo central das neuroses. Como comentou Fulgencio [5], nenhum desses fundamentos é especulativo, pois podem ser comprovados empiricamente, através da observação clínica. Freud acrescenta, a esses conceitos empíricos, hipóteses especulativas que auxiliam na compreensão de seu funcionamento. O psiquismo, entendido como um aparelho movido por forças pulsionais em conflito, com a suposição de processos psíquicos que buscam a descarga direta e imediata das excitações pelo caminho mais curto (processos primários) e os posteriores processos secundários, as subdivisões do aparelho psíquico em instâncias, a hipótese de que no inconsciente há representações carregadas de montantes de afeto, etc., são elementos que os dados empíricos não recusam, embora não sejam observáveis, na medida em que são ficções teóricas que fornecem a Freud uma maior inteligibilidade dos fenômenos psíquicos [5].

3.6. O inconsciente empírico e o inconsciente em termos metapsicológicos

A diferenciação do psiquismo em consciente e inconsciente é uma constatação empírica que não pode ser creditada a Freud, como já foi explicitado no início desse trabalho. O novo conteúdo dado por Freud a essa concepção está tanto na aplicação do ponto de vista dinâmico, com a suposição de forças e energias psíquicas, quanto na consideração de que esse inconsciente pode ser pensado em termos tópicos, dividido em instâncias psíquicas figuráveis espacialmente. O acréscimo desses novos conteúdos a esse inconsciente caracteriza o Inconsciente postulado por Freud, ou seja, um inconsciente passível de ser considerada instância, movido por forças e energias psíquicas, habitado por representações. Essa concep-

ção acrescentada à noção de inconsciente é especulativa, mas a consideração de que há processos inconscientes que determinam a vida psíquica não. A hipótese do inconsciente, pensado em termos metapsicológicos, é justificada pela sua eficácia na explicação dos fenômenos psíquicos e na possibilidade, dada por essas explicações, de agir clinicamente. Assim, a diferença fundamental que caracteriza a posição de Freud, afastando-o de Charcot e Breuer, não é o reconhecimento do inconsciente no seu sentido descritivo, mas sim a compreensão de que esse inconsciente deve ser pensado em termos dinâmicos, movido por forças psíquicas. Ao supor que o Inconsciente é um conjunto de representações e afetos movido por forças e energias, Freud acrescenta um sentido metapsicológico ao termo inconsciente, justificável pelo seu valor heurístico.

3.7. A passagem do inconsciente enquanto sistema para uma nova instância denominada Id

Com a remodelação da primeira teoria do aparelho psíquico, Freud atribuiu características do Inconsciente da primeira tópica (considerado um conjunto de representações e afetos movidos por forças e energias) ao Id, da segunda. Assim, podemos considerar equivalente o lugar ocupado pelo Id na segunda tópica e o lugar do sistema inconsciente na primeira, quando esse for considerado em seu sentido tópico (e não em seu sentido descritivo). Assim, na segunda tópica, o termo inconsciente é utilizado, sobretudo, na sua forma adjetiva (descritiva), deixando de ser, efetivamente, uma instância especial, visto que qualifica o Id e, em parte, o Ego e o Superego (essas sim consideradas instâncias na segunda tópica) [8].

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso feito neste artigo permite ao leitor ter uma noção ampla das origens do conceito de inconsciente ao longo da história. Em um primeiro momento, procurei sintetizar o que Ellenberger [1] mostra em um dos capítulos de seu livro, *História da Descoberta do Inconsciente*, retomando a noção de inconsciente anterior a Freud. Em seguida, debruçando-me sobre a obra de Freud, procurei demonstrar os principais aspectos da noção de inconsciente para ele, e como

este conceito foi sendo desenvolvido desde o início de seus estudos. Com a leitura dos principais textos da obra freudiana, pude reconhecer a importância que Freud deu ao termo inconsciente, sendo ele utilizado de modo específico e peculiar por esse autor. Para discutir essa peculiaridade, foi necessário fazer a distinção entre conceitos empíricos e metapsicológicos, pois essa diferença compõe grande parte da especificidade do conceito de inconsciente na psicanálise de Freud. Antes disso, o presente artigo trouxe uma síntese dos três sentidos do conceito de inconsciente para esse autor, de modo a localizar o leitor no significado que ele considerou o mais inovador e importante desta ciência.

REFERÊNCIAS

- [1] Ellenberger, H. F. (1970). *The Discovery of the Unconscious*. New York: Basic
- [2] Freud, S. (1926f). *Psicanálise: história freudiana*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- [3] Freud, S. (1912g). *Nota sobre o inconsciente na psicanálise*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- [4] Freud, S. (1900a). *A interpretação dos sonhos*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- [5] Fulgencio, L. (2008). *O método especulativo em Freud*. Educ: São Paulo.
- [6] Fulgencio, L. (2003). *As especulações metapsicológicas em Freud*. Revista de Filosofia e Psicanálise *Natureza Humana*, 5(1), 127-164.
- [7] Freud, S. (1915e). *O inconsciente*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- [8] Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.